



Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Centro de Educação- CEDU
Maceió - Alagoas - Brasil

O PROTAGONISMO INFANTIL A PARTIR DA ESCUTA DAS CRIANÇAS:

reflexões oriundas do Estágio Supervisionado em Educação Infantil do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

Ítala Maynara Teixeira da Silva (CEDU- UFAL)

Itala.silva@cedu.ufal.br

Renata da Costa Maynart (CEDU- UFAL)

renata.maynart@cedu.ufal.br

RESUMO: O presente artigo, sob o título O Protagonismo Infantil a partir da Escuta das Crianças: reflexões oriundas do Estágio Supervisionado em Educação Infantil do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFAL, tem o objetivo de analisar o conceito de escuta no cotidiano da Educação Infantil privilegiando o protagonismo da criança nos espaços de creche e pré-escola. O aporte teórico tem por referências autores como: Davoli (2017), Fochi (2015), Gobbi (2010) e Rinaldi (2022). A metodologia utilizada se deu por intermédio de pesquisa de campo realizada durante o estágio e das reflexões que a experiência gerou, complementada pela pesquisa documental e bibliográfica. Diante do observado no campo de estágio inquietou o fato de que a escuta da criança, em todas as suas formas de expressão, possibilita o seu protagonismo e uma prática pedagógica que a tenha como centro da proposta pedagógica. A presente pesquisa torna-se atual e relevante por abordar que o ato de escutar é um processo de extrema importância no ambiente educacional, especialmente na Educação Infantil, sendo o ponto de partida das ações pedagógicas, tendo em vista que possibilita uma educação pautada nos interesses das crianças e no seu protagonismo, por isso, é necessária a discussão e reflexão, especialmente na conjuntura política em que se encontra o nosso país. Neste sentido, os resultados caminham na direção de uma educação infantil com a participação das crianças e no seu protagonismo.

PALAVRAS-CHAVE: Escuta. Protagonismo Infantil. Estágio Supervisionado. Educação Infantil.

1 INTRODUÇÃO

Aprender a escutar o outro deveria ser matéria para o currículo escolar, na perspectiva de Christian Dunker (2020). Quando observamos a trajetória do nosso país, especialmente, na conjuntura da educação, não foi atribuído o devido valor à habilidade da escuta. Em um país tão diverso, com sua pluralidade e diferença, só se torna produtiva à medida que se consegue escutar. De forma equivocada difundiu-se que o ato de escutar o outro só é válido quando asseguramos nossas ideias, nossos valores e nossas posições.

Essa concepção é errônea, pois, estabelece relações de poderes verticais, e é fruto de uma concepção colonizadora, que pontua o sujeito que “nada sabe” e o sujeito que vai responder, ter autoridade sobre aquela experiência, surgindo uma relação de obediência e submissão. Em suma, é o ouvir sem escutar.

Quando estamos falando na concepção da Educação Infantil, vale a pena problematizar: o que é efetivamente escutar uma criança? É a partir desse questionamento que nos aproximamos da temática aqui trazida para entender a sua importância na Educação Infantil¹ e seus desdobramentos no desenrolar do desenvolvimento da criança enquanto cidadã de direitos que deve ser cuidada e educada.

A justificativa para a elaboração deste trabalho surge a partir de dados gerados no campo do Estágio Supervisionado em EI, do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas. A partir das experiências com as crianças, acendeu a inquietação para realização deste estudo ao perceber/analisar como o educador tem proporcionado ou não momentos de escuta das crianças em suas ações pedagógicas.

Partimos da premissa que a escola passa a ser vista como um espaço de exercício de democracia, que todos os sujeitos são considerados atores sociais, especialmente no processo de seu desenvolvimento; levanta-se vários movimentos em torno da escuta e, por consequência, em torno do protagonismo infantil. Surgem outras relações nessas concepções, e, apesar de todas as informações, atualmente o uso da palavra escuta na EI parece evocar um aglomerado de informações equivocadas que contrariam totalmente as concepções de criança, por isso, esse é um tema que se coloca dentro do nosso cenário.

Este artigo tem como objetivo central analisar o conceito de escuta no cotidiano da EI privilegiando o protagonismo da criança nos espaços de creche e pré-escola. Como objetivos específicos, tem-se: analisar a escuta como uma instrumento pedagógica na EI; e repensar a abertura de processos de escuta das crianças, potencializando as narrativas.

Dessa maneira, a metodologia utilizada parte da pesquisa de campo e embasa-se em pesquisas de cunho documental e revisões bibliográficas, tendo como método

¹ A partir daqui, toda vez que for necessário falar o termo Educação Infantil, adotaremos a sigla EI.

de apresentação o qualitativo e, não pretendendo, portanto, enumerar quais fatos possuem maior ou menor significância, mas compreendê-los em sua totalidade.

Na empreitada teórica desta reflexão, utilizou-se como principal referencial teórico Davoli (2017), Fochi (2015), Rinaldi (2022), Gobbi (2010), bem como outros que dialogam com as reflexões. Os referidos autores em suas abordagens teóricas apontam para muitos elementos reflexivos que contribuem com o desenvolvimento da temática.

2 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: A ESCUTA COMO ELEMENTO DESENCADEADOR DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

Os estágios supervisionados são de extrema importância para a formação do pedagogo, pois, entre outras oportunidades, aliam teoria e prática, bem como situa o estudante em uma realidade específica.

A proposta do Estágio Supervisionado em EI do Centro de Educação da UFAL possibilita momentos de observação e imersão em um CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil na sua totalidade e, em seguida, o acompanhamento em uma turma de crianças para aproximação com estas, observação e, a partir do observado e da escuta, desenvolver um projeto de intervenção a ser realizado com as crianças. Sabendo-se que “as crianças se expressam utilizando várias linguagens, com as quais constroem a si mesmas e as culturas nas quais estão inseridas” (GOBBI, 2010), com o estágio foi possível observar e refletir em um CMEI na cidade de Maceió- AL, numa sala de referência com 16 (dezesesseis) crianças de 3 a 4 anos de idade acerca da escuta da criança, do seu protagonismo e das implicações para a prática pedagógica nos espaços de EI.

Foi uma oportunidade de conhecer e agir, entrar em contato com os atores que dão vida e movimento às instituições de EI. Permitiu refletir sobre aspectos diversos, o que, além de ser enriquecedor, deu sentido e validade ao percurso de tentar realizar o melhor trabalho com as crianças: leve, lúdico, que privilegiou a interação, a participação, a escuta, a experimentação e a pluralidade de experiências.

As crianças em idade de EI vivem em um mundo repleto de significados e descobertas, constroem sentidos sobre as pessoas e o mundo na sua relação com o outro. Fantasiam, imaginam, criam e recriam o tempo todo ao desenhar, pintar, cantar,

dramatizar, ou, “mesmo sem intenção de aprender, quem brinca aprende, até porque se aprende a brincar” (FORTUNA, 2004, p. 07).

O projeto de intervenção desenvolvido durante o Estágio Supervisionado teve como temática: “CORES, SABORES E HISTÓRIAS”, uma demanda que surge, a partir das narrativas das crianças, onde buscou-se alavancar o protagonismo infantil, envolvendo experiências com as cores, com os sabores das frutas, a partir de vivências com os sentidos e muita contação de histórias.

Partimos do pressuposto que todas as experiências deveriam ser criativas, por isso, seria necessário deixar as crianças livres e serem instigadas a usar a imaginação e, acima de tudo, mostrarem através de muitas linguagens que possuem interesses, vontades definidas, gostos e preferências. Vale ressaltar que deixar as crianças livres implica em dizer que é necessário ter sempre uma intencionalidade pedagógica. Numa concepção de Davoli (2017), observar, documentar e interpretar constituem três partes inseparáveis de um mesmo processo, servem como base para o planejamento e constituem o pilar da prática pedagógica do educador infantil.

Conforme assinala Corsaro (2009), as crianças criam suas próprias culturas. São sujeitos potentes e desenvolvedores de suas habilidades, por isso, é necessário permitir que elas se manifestem através de suas diferentes linguagens, interajam e que também possam fazer uso da comunicação no mundo em que vivem, dentro de uma perspectiva que respeite suas capacidades e suas potencialidades.

A realização dessas vivências oferece às crianças possibilidades de desprender-se de limitações. Suas vozes expressaram muitas características. Erroneamente se fala em “dar voz às crianças”, entretanto é necessário avançar nesta concepção e perceber que as crianças já têm voz, elas falam o tempo inteiro, através de variadas linguagens, ainda que não utilizem da linguagem verbal. Os adultos, na verdade, é que devem praticar a escuta, e não qualquer uma, é necessário praticar a escuta como uma ação. Toda ação educativa para a infância deve colaborar para o desenvolvimento da criança. Conforme ressalta Gobbi (2010, p. 01,), “às ideias das crianças, quando ouvidas, nos mostram que um mais um pode ser muito mais que dois”.

3 O PROTAGONISMO INFANTIL E A PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA

Falar em protagonismo infantil é transitar em uma área que fornece muitos subsídios para compreender que as crianças são autoras das suas experiências, são protagonistas e possuem linguagens e culturas próprias (CORSARO, 2009). Essas dimensões de compreensão perpassam pelas áreas da Sociologia da Infância, da Antropologia da Infância e de outras áreas.

É importante conhecermos e reconhecermos cada saber que a criança traz. É muito comum o adulto querer pensar para as crianças e por elas, quando, na perspectiva dos estudos sobre o protagonismo infantil, defende-se a ideia de pensar com as crianças, ou ainda instigá-las a expressar seus pensamentos através das diferentes linguagens que possuem. Quando se modifica o ponto de vista, é possível acessar melhor à criança.

Devemos avançar e sair do lugar da pessoa que está sempre “ensinando”, “transmitindo conhecimento”, “corrigindo” e abrir espaços para o papel de “escutadores”, que devem ter um olhar e escuta sensíveis para conhecer o universo infantil, sobre o que elas sabem a respeito de si mesmas e do mundo.

A partir da década de 90 cresceu o número de estudos sobre/com as crianças no Brasil, os quais apresentam a capacidade das crianças de se manifestar, se expressar sobre coisas que lhes dizem respeito. Santos (2021) em seus estudos buscou analisar anseios e perspectivas das crianças sobre os currículos praticados nos espaços educacionais. O objetivo geral dessa investigação consistiu em analisar como a escuta das crianças da EI pode contribuir na construção de um referencial curricular municipal, a partir do que as crianças desejam aprender nas creches e pré-escolas.

A pesquisa trouxe muitos resultados, dentre eles: que o fazer livre e espontâneo das crianças é castrado no cotidiano. Mesmo fugindo do planejamento estabelecido, acaba-se por enquadrar as crianças em modelos pedagógicos que anulam suas possibilidades de viverem experiências significativas. Esse estudo ainda está em andamento e seus dados são iniciais.

Cruz e Schramm (2019) também destacam as perspectivas acerca de experiências educativas em seus estudos. Ouviram crianças que expressaram opiniões, desejos, reclamações, temores sobre temas como disciplina, brincadeiras, relações étnico-raciais e transição para o ensino fundamental. Essas vozes

expressam a competência das crianças em avaliar os serviços educativos destinados a elas e expõem as violações de direitos assegurados em documentos oficiais.

Toda criança tem direito a fala, deve ser ouvida, incluída e considerada nas decisões que lhes dizem respeito. A criança dar indícios das suas necessidades e interesses, não unicamente através da verbalização, mas através dos seus gestos, das suas brincadeiras, ou até mesmo da negação de propostas. Vale ressaltar que quando se fala em escutar as crianças, inclui-se, especialmente, quem ainda não fala. É essencial criar canais de expressão para as crianças, independentemente da idade. É preciso ouvir e tomar decisões a partir das informações observadas.

Vale ressaltar que, quando se permite a expressão da criança, não é um favor, tão pouco uma concessão. É um direito universal da criança, o direito da expressão, exposto no artigo 13.º da Convenção sobre os Direitos da Criança:

A criança terá o direito à liberdade de expressão; este direito incluirá a liberdade de buscar, receber e transmitir informações e ideias de todos os tipos, independentemente de fronteiras, de forma oral, escrita ou impressa, por meio das artes ou por qualquer outro meio da escolha da criança (UNICEF, 1990, p. 13).

A criança precisa perceber que na Instituição de EI ela tem voz e tem vez e pode participar de forma ativa na construção do currículo, das suas experiências, inclusive na construção de políticas públicas.

Alcançar tais proposições muitas vezes implica em silenciar um pouco para entender o que a criança traz//revela. Requer uma mudança ética que está relacionada ao respeito. Respeitar especialmente o tempo e o espaço da criança.

4 A EXPERIÊNCIA DO PROTAGONISMO INFANTIL

É necessário abandonar em nossas ações pedagógicas a preocupação apenas em pendurar nos varais as produções das crianças, ou colocar em pastas esquecidas nas gavetas. O ponto central em propor experiências que promovam o protagonismo é validar os processos e as produções prestando atenção no diálogo, no como aconteceu aquela criação e abrir espaços para a escuta das narrativas, durante e após a conclusão.

Ao observar momentos de experiências numa turma de Maternal II, numa instituição de Educação Infantil de Maceió, foi possível perceber que a EI alagoana vem avançando no que se refere a uma prática condizente com as Diretrizes

Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), que leve em consideração as interações e a brincadeira. Tendo em vista que esta perspectiva tem sido incentivada recentemente, ainda é perceptível, embora haja um grande esforço coletivo por parte dos professores, desconexões com os documentos e com as propostas oficiais para esta etapa.

Na experiência do estágio foram observadas propostas de experiências ricas e potentes para as crianças, ao tempo que houveram atividades que sugeriam o empobrecimento das potencialidades da criança, com modelo padrão a ser seguido.

Merece reflexão as propostas em que os professores indicam às crianças como fazer, porém, está enraizado em nós e na nossa formação que devemos guiar as crianças em tudo, o que, mesmo sem ser a intencionalidade, por vezes inibe os processos criativos. Um exemplo presenciado foi a sugestão de as crianças produzirem um enfeite de Natal feito com um molde de papelão, no formato de árvore. Para tal, utilizaram tinta verde e marrom, pincéis, copo descartável, areia, pedrinhas, lantejoulas, cola glitter e de isopor. As crianças receberam os materiais, e logo começaram a pintar o molde de árvore com a tinta verde. Os materiais foram diversificados, porém houve a indicação de cores e em qual parte as crianças deveriam pintar.

- “As folhas é para pintar de verde. Primeiro, pinta a árvore e depois o tronco pinta de marrom daqui a pouco”.

A reflexão gerada foi a de que a proposta ficaria mais significativa se as crianças tivessem autonomia de escolher o que usar, como e onde usar. Ao adentrar o espaço de EI, foi possível perceber o tanto de informações podemos é possível ter em tão poucos dias e o quanto podem ser válidas para analisar as situações que acontecem diariamente e, mais ainda, legitimar o quanto as crianças são protagonistas. São registros potentes que provocam muita reflexão sobre o que acontece, entendendo que se trata de um recorte da realidade sob a nossa perspectiva. Tais observações foram válidas para entendermos a realidade daquele grupo de crianças, e também para propor experiências nas quais as crianças fossem as protagonistas.

A finalidade era que durante as sessões propostas as crianças tivessem a oportunidade de vivenciar diferentes experiências. Então, desde o primeiro momento nos colocamos atentos no que diz respeito à escuta das narrativas dessas crianças.

As reflexões que seguirão foram geradas em uma das sessões de intervenção proposta pelo grupo de estagiários. O abrir das páginas do livro no momento da contação de história, foi uma avalanche de narrativas, no bom sentido, através do livro A Dança das Cores do Autor Luís Pimentel.

- **“Azul, vermelho, amarelo, laranja, marrom, rosa, preto (...)”** – As crianças foram citando suas cores preferidas.
- **“Eu gosto colorido”** – As crianças comentavam.
- **“Qual a cor da blusa do personagem?”** – Questionam os estagiários.
- **“A da busa dele é vermelha”** Grita uma criança se aproximando do livro e ficando de joelhos
- **“Vamos observar as cores que aparecem nas páginas ...”** – Pontua a estagiária
- **“A casa é azul, minha cor preferida”** – Grita outra criança.
- **“O sapato dele é preto, igual o meu”** – Fala o menino com um sorriso.
- **“Então, o que podemos perceber nestas páginas?”** – Sempre questionando as crianças os estagiários as estimulavam, tentando estabelecer a participação e o envolvimento com o momento.
- **“Olha só! Nuuuuuuuvens”** – Num tom bem surpreso;
- **“Essa flor é amarela, essa é vermelha e essa é azul”** – Afirma uma das crianças apontando.
- **“Essa é pequena, essa média e essa é grande”** – E assim aquela criança amplia a temática que até então era apenas cores.
- **“Nossa quanta observação legal você conseguiu pontuar para nós”** – Cita uma estagiária.
- **“Tia olha só, quando é noite na minha casa, fica escuro e as luz faz assim ...”**
A criança começa a abrir os olhos e fechar de forma rápida, para explicar que as luzes piscam.
- **“Que interessante você perceber que esse fenômeno acontece à noite, será que durante o dia as luzes piscam? Você já observou?”** – A estagiária questiona a criança.
- Em resposta ao questionamento, a criança responde – **“Não”**

- **“Olha só o colorido do arco-íris”** – Grita a criança enquanto aponta para o livro.
 - **“Muito bem, o arco-íris possui variadas cores, por isso, chamamos colorido.”**
- Fala da estagiária que conduz o momento.

Essa proposta teve como intenção revelar o quanto as crianças sabem a respeito do mundo, o quanto aprendem enquanto dialogam e o quanto o adulto enriquece a proposta quando faz boas perguntas e instiga o diálogo.

A partir da escuta sensível, há um ato de intencionalidade dentro do planejamento, propondo experiências diversas às crianças e essa mesma intencionalidade quebra essa concepção de “tarefinhas” prontas, iguais para todos. Quando há intencionalidade pedagógica, não há apenas uma atividade, uma “aula”, um passatempo ou um produto final para ser exposto. É intervir positivamente em situações que façam sentido e tenham significado para a criança, algo que ela vai se apropriar e viver, ou até mesmo já faz parte do seu cotidiano.

A proposta seguinte a ser analisada se refere a obra de arte produzida pelas crianças, as quais deram nomes para suas obras. Nesta situação reflete-se sobre as produções das crianças, acompanhadas de narrativas muito competentes e estímulo das estagiárias.

Na obra a “Pista para o carro passar” o autor, gostou tanto do momento de criação que não queria parar a pintura, inclusive o próprio também criou “Cavalo Fazendo Cocô”. Na primeira obra a criança ao finalizar pegou um ônibus de brinquedo, apoiou a obra na mesa, colocou o carro para passar por cima da pista e verbalizou “Tia, fiz a pista, agora o carro vai passar nela”

Na obra “Parede do Quarto” o autor possui uma preferência pela cor azul, e segundo ele, estava reproduzindo a parede do quarto, pois seus pais haviam pintado daquela mesma forma da obra. Já na obra intitulada: “Quebrada” o autor só falou o nome ao final, pois queria que os estagiários descobrissem o que ele estava pintando. Quando concluiu a obra a criança questiona: “Olha minha pintura, me diga o que fiz ...”. É importante confessar, que esse momento foi desafiador, porém foi possível contornar: “Seria mais interessante, você ir explicando, sua obra, pois, estamos bem curiosos para lhe ouvir”. Para a nossa surpresa, a criança começa a pontuar ... “É uma quebrada” e aponta: “Aqui é o beco, aqui é a pessoa, aqui sou eu brincando ...”.

É interessante observar que por trás de cada obra há uma narrativa, um pensamento, uma explicação. Cada linha colorida tem um porquê que está totalmente relacionada com a vivência que cada criança carrega consigo. Em cada gesto existe uma complexa explicação e a ação de escutar é justamente para respeitar essa complexidade e validar todo o seu processo de desenvolvimento.

Fochi (2015) pontua que nesse exercício é preciso “sair de si”, num sentido de atender o outro. Pensar na educação das crianças pequenas, especialmente de 0 a 6 anos de idade, é pensar no acolhimento, pois se apresenta o mundo à criança ao mesmo tempo em que ela é apresentada ao mundo. Desta forma podemos entender que o exercício de escutar é um processo, no qual há um acolhimento do mundo do outro. Se enquanto educadores, observamos a criança e a analisamos a partir do mundo do adulto, a perspectiva que teremos daquela criança é apenas da falta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que é efetivamente escutar uma criança? A procura da resposta para essa dúvida revelou a complexidade que envolve a EI. No decorrer do trabalho foi possível observar que há um estranhamento da temática escuta e protagonismo infantil que está ligado à irrelevância socialmente atribuída ao público infantil, mas em passos lentos, tem-se avançando.

Escutar a criança, especialmente num espaço de EI, está relacionado a uma concepção simplória e reducionista, relacionado ao processo de ouvir a fala, não está relacionada ao protagonismo, tão pouco, à prática pedagógica. Níveis diversos de escuta podem ser experimentados simultaneamente, desde a contação de história até a criação de obras construídas pelas crianças.

A experiência tornou possível ajustar as lentes para acolher as narrativas e mostrar a possibilidade desse protagonismo, para além da literatura.

A partir da escuta e como ela se efetiva quando bem utilizada, com uma postura ética, as crianças podem ser consultadas para construção de pautas em políticas públicas destinadas a elas, o que conduz a criança a uma reflexão de que sua voz é ouvida, validando sua participação em processos decisórios.

Ao dialogar com os autores e todos os saberes, levantou-se reflexões e durante toda a experiência, especialmente a da escuta como uma indispensável e urgente. É imprescindível “ouvir não somente com as orelhas, mas como todos os nossos

sentidos (visão, tato, olfato, paladar, audição e também direção)” (RINALDI, 2022, p. 124).

Permitir à criança ser protagonista das suas experiências do seu desenvolvimento não vai ser a salvação da EI, porém, é a abertura do canal de encontro e diálogo. A escuta é a base da democracia e pode favorecer um espaço acolhedor e agradável para as crianças.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº99.710**, de 21 de novembro de 1990. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 22 nov. 1990. Disponível:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d99710.htm Acesso em: 15 de mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica.

– Brasília: MEC, SEB, 2009. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc_download&qid=9769&Itemid

Acesso em: 06 dez de 2021.

CORSARO, W. A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. (org.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**. São Paulo: Cortez, 2009.

CRUZ, Sílvia; SCHRAMM, Sandra. Escuta da Criança e qualidade da Educação Infantil. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 174, p. 16-34, out/dez 2019.

Dunker C. **A paixão da ignorância**. A escuta entre a psicanálise e a educação. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

DAVOLI, Mara. Documentar processos recolher sinais. In: MELLO, Suely Amaral, BARBOSA, Maria Carmem; FARIA, Ana Lucia. (org.). **Documentação Pedagógica, teoria e prática**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.

FOCHI, P. S. Planejar para tornar visível a intenção educativa. **Revista Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 45, p. 4-7, out./dez. 2015.

FORTUNA, T. R. Faz de conta na escola: a importância do brincar. **Revista Pátio Educação Infantil**, Ano 1, n. 3, dezembro de 2003 a março de 2004.

GOBBI, M. Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil. In: **I Seminário Nacional: Currículo em Movimento**. Belo Horizonte, 2010.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**. Escutar, Investigar e aprender. Tradução Cury, Vania – 15ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

SANTOS, Lilian. O que a escuta das crianças revela sobre os currículos praticados na Educação Infantil? **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2021.